
AGROSOFIA: A PEDAGOGIA DO CRIAR

O ALTAR ANTES DO PÃO: o cooperativismo como lei natural anterior à lei humana

Ainor Francisco Lotério

*Engenheiro Agrônomo. Mestre em Gestão de Políticas Públicas. Bacharel em Teologia e em Filosofia.
Criador da Agrosofia. Diácono Permanente. Camboriú, Santa Catarina, Brasil.*

1 A SIGLA E OS QUATRO DEGRAUS

CRIAR. Verbo, não rótulo. Cinco letras para quatro degraus, porque o quarto se desdobra em dois: primeiro o homem se associa, depois o associado empreende e governa.

1) C de CRIADOR. Deus, princípio de tudo. Primeiro degrau porque o homem adorou antes de perguntar. A agroteologia começa aqui, no reconhecimento de que nada do que existe se explica por si mesmo.

2) R de RIQUEZA NATURAL. O mundo criado, a natureza, o Jardim do Éden dado e não construído. Segundo degrau porque a criação antecede a criatura. É o solo, é o clima, é a semente que ninguém inventou.

3) I de IMAGEM. O homem, face da terra, imagem e semelhança, aquele que olha, reconhece e nomeia. Terceiro degrau porque a criatura só se descobre depois de descobrir o Criador e a casa que recebeu.

4) A de ASSOCIATIVISMO e R de REALIZAÇÃO. As organizações. O homem que se descobre incompleto e se organiza, e o associado que empreende e governa. Associativismo é o pai, cooperativismo é o filho bem informado e bem formado, e a gestão pública é a política como arte do bem comum.

As correspondências. O ciclo agrícola: o Criador ara, a Riqueza natural é o solo onde se semeia, a Imagem capina e discerne, o Associativismo e a Realização colhem e partilham. As estações: primavera, verão, outono e o inverno que guarda a semente do ciclo seguinte. O tempo: Deus é o eterno, a Natureza é o passado, o Homem é o presente, as Organizações são o futuro e o além-daqui. A família: Deus é o Pai, a Natureza é a casa, o Homem são os filhos, as Organizações são a sociedade e a esperança.

Registre-se, como recurso de palco, que ATGC, a primeira sigla examinada, corresponde às quatro bases do DNA: adenina, timina, guanina e citosina. Foi descartada em favor de CRIAR por uma razão simples: a molécula descreve o que somos, o verbo descreve o que fazemos.

2 A PRECEDÊNCIA DO SAGRADO

Antes de fixar os degraus foi preciso resolver uma questão de ordem: o que veio primeiro na história humana, a filosofia ou a teologia?

Não há disputa cronológica. Enterros rituais com oferendas datam de dezenas de milhares de anos antes de qualquer coisa que se possa chamar de argumento filosófico. Toda cultura humana conhecida produziu culto. Nenhuma produziu filosofia sem antes ter produzido culto.

A precedência é também lógica. A filosofia nasce como pergunta dirigida a um mundo que já se supunha ordenado por algo. Os pré-socráticos não inventam a pergunta pela origem, eles herdam a resposta mítica e a interrogam. Tales dizendo que tudo é água só faz sentido depois que alguém já disse que tudo veio de alguém. A filosofia é a segunda voz, não a primeira. Ela precisa de um dito para poder duvidar.

Uma distinção necessária: religião vem primeiro, teologia vem depois, e a teologia, no sentido estrito de discurso racional sobre Deus, nasce quando a filosofia empresta seu método à fé. Mas a experiência do sagrado, aquela que ocupa o primeiro degrau, antecede tudo.

A Escritura registra essa mesma ordem antes de qualquer arqueologia. Antes de existir tribo, cidade ou norma, existe o encontro. Caim e Abel oferecem sacrifício sem que lhes tenha sido dada lei alguma para isso, e o texto sagrado diz apenas que Abel também trouxe os primogênitos do seu rebanho, e o Senhor olhou com agrado (Gn 4, 4). Não houve legislador. Houve reconhecimento. O culto precede o código.

3 O ALTAR ANTES DO PÃO

Ensina-nos as gerações inteiras que primeiro o homem encheu a barriga e depois inventou Deus. Que a religião seria um luxo tardio, permitido apenas quando os celeiros já estavam cheios. É uma tese elegante, confortável para quem a formulou, e desmentida pela terra.

Göbekli Tepe, no sudeste da atual Turquia, tem cerca de onze mil e quinhentos anos. É um santuário de pilares monumentais em T, erguido por gente que ainda não plantava. Não havia campo. Não havia celeiro. Havia templo. O santuário veio antes da lavoura, e a agricultura nasceu, ao menos em parte, da necessidade de alimentar quem vinha ao templo. Não foi o pão que gerou o altar. Foi o altar que exigiu o pão.

Convém precisar as datas, porque a precisão é uma forma de respeito. A domesticação de plantas no Crescente Fértil situa-se por volta de onze mil e quinhentos a dez mil anos atrás. Os quatorze mil anos que se costuma citar pertencem a outra coisa: os natufianos já colhiam cereais silvestres com foices de sílex, moíam grãos e assavam algo próximo de pão muito antes de plantar qualquer coisa. Colher não é plantar. A agricultura começa quando alguém deixa de comer a semente para enterrá-la.

E quem foi esse alguém? A cena mais provável é a do monturo. Os restos vegetais descartados junto ao acampamento germinam sozinhos, num solo enriquecido pelos próprios dejetos, e alguém observa. Que a observação tenha sido feminina é a inferência mais sólida da etnoarqueologia, porque a coleta e o processamento vegetal cabiam às mulheres em praticamente todas as sociedades forrageadoras estudadas. É hipótese, não documento. Mas é hipótese sólida, e a

mulher que primeiro entendeu que a semente jogada fora voltava viva merece ser nomeada como a primeira agricultora da história.

Agora observe o que esse gesto significa. Enterrar aquilo que se poderia comer é apostar que o que morre volta multiplicado. É fé antes de doutrina. É ressurreição encenada com as mãos sujas de terra, milhares de anos antes de alguém escrevê-la em qualquer livro. Por isso o Cristo, ao explicar a própria morte, escolhe o grão de trigo que cai na terra e morre, e se morre, produz muito fruto (Jo 12, 24). Ele não inventa uma metáfora nova. Usa a mais antiga que a humanidade possuía, aquela que todo ouvinte já trazia no corpo antes de trazer na cabeça.

4 O COOPERATIVISMO PRECEDE A LEI HUMANA

Aqui está a tese que sustenta este artigo, e ela precisa ser dita sem rodeio: **o cooperativismo surgiu antes de o homem criar a lei. Ele não é invenção jurídica. É lei natural de sobrevivência e de bem viver.**

A agricultura não é um degrau da natureza. É o primeiro ato associativo da humanidade. Plantar exige que se combine quem guarda a semente, quem defende o campo, quem divide a colheita. Exige acordo, palavra dada, confiança que atravessa a estação inteira sem garantia de retorno. Ninguém legislou isso. A terra é que impôs. Quem plantou sozinho não colheu, e quem não colheu não deixou descendência. A cooperação não foi decretada, foi selecionada.

O Gênesis já o havia dito, e antes de qualquer queda: não é bom que o homem esteja só (Gn 2, 18). Essa é a sentença fundadora do associativismo, e ela é anterior ao pecado, anterior à cidade, anterior à norma. A solidão não é falha moral do homem, é incompletude estrutural da criatura. O homem é, por constituição, um ser que precisa do outro. Daí o Eclesiastes, que é o mais antigo manual de cooperativismo que possuímos: melhor serem dois do que um, porque tiram melhor proveito do seu trabalho; se um cair, o outro o levanta, mas aí do que está só, pois caindo não tem quem o levante, e a corda de três fios não se rompe facilmente (Ecl 4, 9-12). Está tudo ali: a vantagem econômica da união, o socorro mútuo e a força do vínculo múltiplo. Faltavam ainda quase três mil anos para Rochdale.

E o Novo Testamento não fundou o cooperativismo, apenas reconheceu o que já existia. A comunidade de Jerusalém tinha tudo em comum, vendia bens e propriedades e repartia conforme a necessidade de cada um (At 2, 44-45). Não era teoria. Era prática comunitária de sobrevivência, e o texto a registra como fato, não como programa.

Vale a mesma advertência quanto à origem doutrinária. O cooperativismo, desde sua concepção na primeira metade do século XIX em Rochdale, na Inglaterra, tem sido um movimento socioeconômico único, caracterizado por uma orientação doutrinária consistente (LOTÉRIO, [s.d.]). Mas o que Rochdale fez em 1844, e o que a Lei 5.764 fez no Brasil em 1971, não foi criar. Foi reconhecer, nomear e proteger. O legislador chegou por último, como sempre chega. **O cooperativismo começou no dia em que dois homens concordaram em vigiar o mesmo trigo.**

Por isso o associativismo é o pai e o cooperativismo é o filho bem informado e bem formado. O pai nasceu da necessidade. O filho nasceu da consciência. E a lei humana é apenas a certidão de

nascimento, lavrada muito depois de a criança já andar.

5 CONCLUSÃO

O homem adorou antes de perguntar. Adorou antes de plantar. Plantou porque adorava. E ao plantar, associou-se. Associou-se antes de legislar, e legislou apenas para guardar o que já fazia.

Daí a escada, e ela não é invenção de quem a descreve. É o registro do que aconteceu. **Criador**, primeiro degrau. **Riqueza natural**, segundo, o Éden dado e não construído. **Imagem**, terceiro, aquele que olha e reconhece. **Associativismo e Realização**, quarto, porque quem planta precisa de quem o ajude a colher e de quem ordene o bem comum.

A Agrosafia não é agricultura somada à filosofia. É o reconhecimento de que o gesto de semear já era, desde o primeiro dia, um ato de fé, de razão e de comunhão ao mesmo tempo. Deus, natureza, homem, organização, nessa ordem, não porque alguém a escolheu, mas porque foi assim que aconteceu.

CRIAR é o que fizemos desde o princípio. É o que ainda nos cabe fazer.

REFERÊNCIAS

Do autor

- LOTÉRIO, Aínor Francisco. Relação do cooperativismo com a sucessão familiar. In: **Cooperativismo e associativismo em Santa Catarina no contexto da imigração alemã para o sul do Brasil**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <https://ainor.com.br/wp-content/uploads/2024/03/RELACAO-DO-COOPERATIVISMO-CO-M-A-SUCESSAO-FAMILIAR.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Pais frouxos, filhos sofrendores; pais firmes, filhos felizes**: reflexões, agrosafia e motivação. Chapecó: Arcus Indústria Gráfica, 2015.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Paixão pelo cooperativismo**. Portal Lotério. Disponível em: <https://loterio.com.br/>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Base sobre a qual as cooperativas em todo o mundo se organizam e operam: uma doutrina própria**. Artigos científicos, papers e hipertextos. Disponível em: <https://loterio.com.br/categoria/artigos-e-pensamentos/>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Cooperativismo: uma jornada de união e prosperidade**. Textos e artigos sobre cooperativismo. Disponível em: <https://loterio.com.br/categoria/cooperativismo/cooperativismo-textos-e-artigos/>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Cooperativismo na escola: um movimento orgânico que gera vida forte**. Portal Lotério. Disponível em: <https://loterio.com.br/categoria/cooperativismo/>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **A cooperativa tem presente e futuro quando investe na OQS**. Artigos científicos, papers e hipertextos. Disponível em: <https://loterio.com.br/categoria/artigos-e-pensamentos/>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **O grão de mostarda e a Agrosafia, mística da vida com base nas forças agronaturais**. Blog do Aínor. Disponível em: <https://ainor.com.br/categoria/blog/>. Acesso em: 15 jul. 2026.
- LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Agrosafia: mística de vida com base nas forças agronaturais**. Portal Aínor Lotério. Disponível em: <https://www.ainor.com.br/porta/agrosafia-mistica-de-vida/339-agrosafia-motivacao-com-eduacao-ambiental-e-sustentabilidade>. Acesso em: 15 jul. 2026.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Quem planta e cria precisa ter mais alegrias**: Dia do Agricultor e Semana da Agricultura. Portal Lotério. Disponível em: <https://loterio.com.br/categoria/cooperativismo/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

Documento histórico fundador

ROCHDALE SOCIETY OF EQUITABLE PIONEERS. **Law First: objects and plan of the Rochdale Society of Equitable Pioneers**. Rochdale, 1844.

Obras de referência em cooperativismo e associativismo

BRASIL. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Define a Política Nacional de Cooperativismo e institui o regime jurídico das sociedades cooperativas. Brasília: Diário Oficial da União, 1971.

ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL. **Declaração sobre a identidade cooperativa**: valores e princípios. Manchester, 1995.

HOLYOAKE, George Jacob. **Os 28 tecelões de Rochdale**. Porto Alegre: Racional, 1933.

PINHO, Diva Benevides. **O cooperativismo no Brasil**: da vertente pioneira à vertente solidária. São Paulo: Saraiva, 2004.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

Fontes bíblicas

BÍBLIA. **Gênesis**, 2, 18; 4, 4. In: BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BÍBLIA. **Eclesiastes**, 4, 9-12. In: BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BÍBLIA. **João**, 12, 24. In: BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BÍBLIA. **Atos dos Apóstolos**, 2, 44-45. In: BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2019.

Nota metodológica: as datações arqueológicas referentes a Göbekli Tepe, ao período natufiano e à domesticação de plantas no Crescente Fértil devem ser complementadas, na versão editorial definitiva, com as fontes primárias da literatura arqueológica pertinente. A hipótese do monturo e a atribuição feminina da descoberta agrícola são apresentadas como inferência etnoarqueológica, não como fato documentado. As referências bibliográficas de terceiros listadas acima devem ter seus dados de edição conferidos antes da publicação. A obra coletiva sobre cooperativismo e associativismo em Santa Catarina requer confirmação dos organizadores, editora e ano junto ao exemplar impresso.

SOBRE O AUTOR

Aínor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, mestre em Gestão de Políticas Públicas, bacharel em Teologia e em Filosofia, psicopedagogo, comunicador e diácono permanente da Igreja Católica. Criador da Agrosafia, filosofia de vida fundada nas forças agronaturais, e da técnica de palco conhecida como ciclomotivação.

Filho de agricultores e fundadores de cooperativas, construiu ao longo de mais de três décadas uma trajetória dedicada à formação de pessoas no cooperativismo e na agricultura familiar. Foi extensionista rural e diretor estadual da Epagri, onde teve atuação destacada na área ambiental, e Prefeito de Camboriú, Santa Catarina. É instrutor e palestrante em cooperativismo junto ao Sistema OCB/SESCOOP e a cooperativas de diversos ramos em todo o país, com atuação em doutrina e educação cooperativista, gestão pública, agro e sustentabilidade, família, motivação e longevidade.

Autor de *Paixão pelo Cooperativismo*, *A Eternidade em Nós*, *Um Minuto de Inspiração* e *Pais Frouxos, Filhos Sofredores*; *Pais Firmes, Filhos Felizes*. Contribuiu com o capítulo sobre a relação entre o cooperativismo e a sucessão familiar na obra coletiva *Cooperativismo e Associativismo em Santa Catarina no Contexto da Imigração Alemã para o Sul do Brasil*, no qual trata das ações preditivas necessárias à sucessão

nas cooperativas e nas famílias rurais.

Mantém os portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br, e apresenta o programa de rádio *Alegria de Viver* desde 1989.